

Praça de Casa Forte e Praça Euclides da Cunha

Plano de Aformoseamento de Recife

Ana Cecília de Arruda Campos
FAUUSP | 2021



Burle Marx (1909-1994), nasceu em São Paulo, filho de pai alemão e mãe pernambucana; em 1913 a família se transfere para Rio de Janeiro.

Em 1928, a família viaja para a Alemanha, em busca de tratamento para um problema nos olhos de Roberto. Em Berlim, visita o Jardim Botânico de Dahlen, e a partir das coleções de flora brasileiras, realiza sua beleza e diversidade.

Seu trabalho foi marcado pela experimentação da vegetação brasileira, tendo feito inúmeras expedições botânicas para coleta; sua coleção está hoje no Sítio Burle Marx, RJ – tombado em 2021 como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco na categoria de paisagem cultural.

Funda em 1955 o Burle Marx Escritório de Paisagismo, que está hoje em sua terceira geração. Após o falecimento de Burle Marx, assume a coordenação seu parceiro por 30 anos, Haruyoshi Ono, e atualmente Isabela Ono, Julio Ono e Gustavo Leivas

Fonte: www.burlemarx.com.br



Plano de Aformoseamento de Recife: modernização urbana, desenvolve o projeto de 13 jardins públicos, durante 1934 e 1937, período que permanece na cidade

Marcam a criação do jardim moderno brasileiro

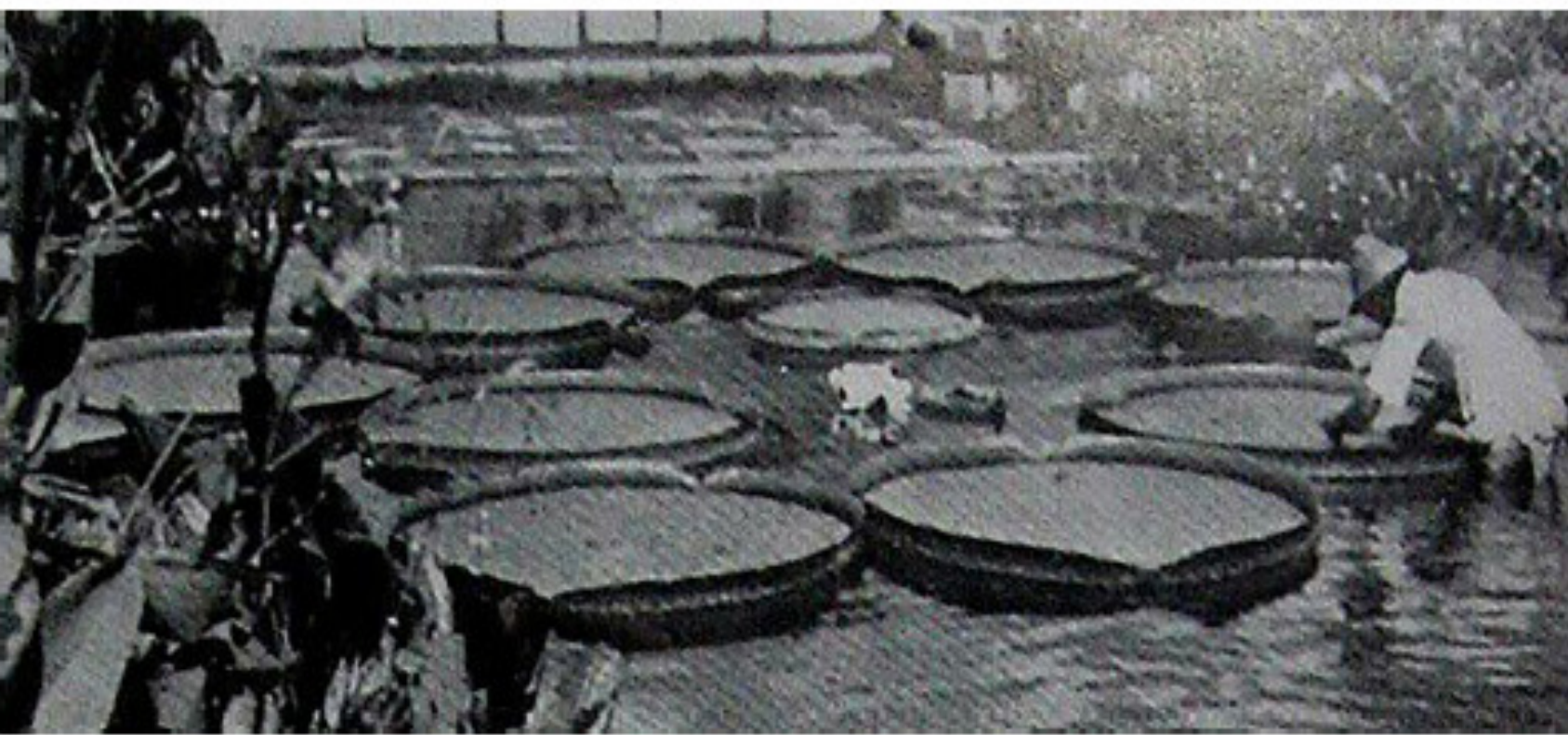
Caracterizados pelo **uso de vegetação autóctone**, em sintonia com a reflexão sobre brasilidade (Semana de Arte Moderna de 1922)

Inspiração nas coleções de espécies brasileiras em:

- Jardins de Dahlem (Jardim Botânico de Berlim)
- Jardins de plantas aquáticas de Kew Gardens em Londres
- Horto Florestal de Recife (Parque Dois Irmãos)
- revistas especializadas em botânica

Figuras: Vitória Régia (*Victoria amazonica*) em Kew Gardens e Praça de Casa Forte, 1935

Fonte: SILVA, 2019



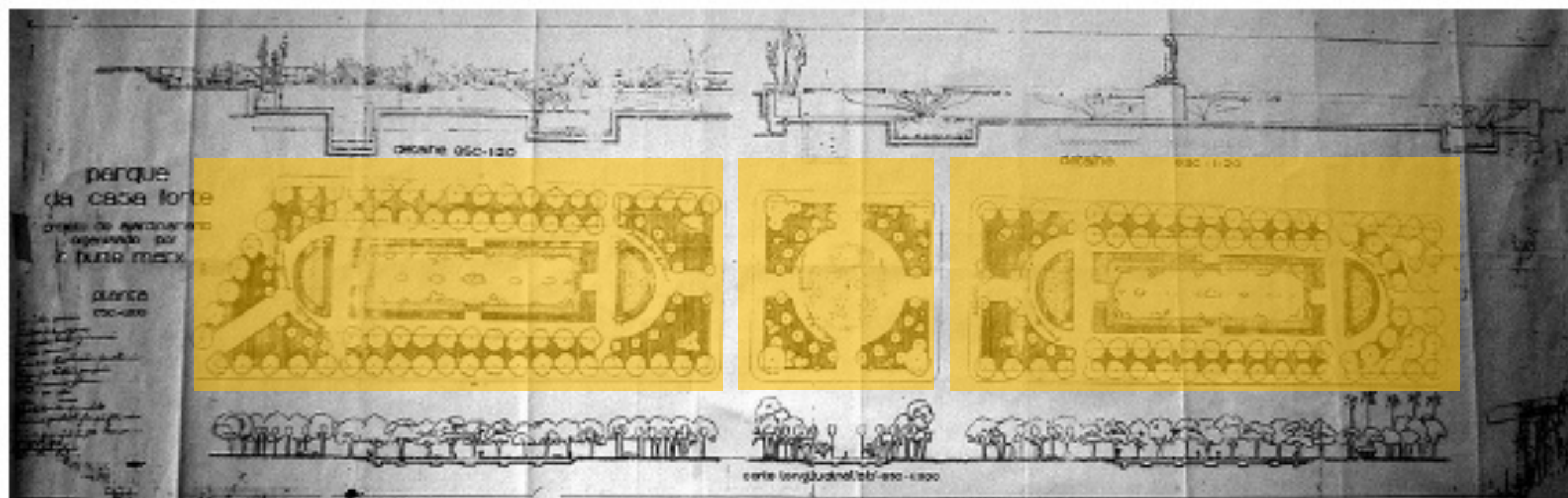
Praça de Casa Forte, Recife, 1935

- primeira experiência de projeto de jardim público;
- existia projeto e monumento anteriores em homenagem à Batalha de Casa Forte que foram desfeitos;
- apesar de B. Marx dizer que foi projeto de maior simplicidade por seu traçado, atinge significativa expressão paisagística



Praça é patrimônio cultural brasileiro, e a legislação edilícia municipal contempla sua proteção (impede edifícios altos no limite da via, são mantidas casas na frente do lote)





Plantas nativas:
diversidade de espécies
brasileiras, marcando a
exuberância tropical
através de árvores,
arbustos e plantas
aquáticas de rios e
açudes

Plantas da Amazônia:
não é recriar a floresta,
mas criar jardim de águas
com elementos nativos.
Houve protestos contra.
A disposição e escolha
dos elementos respeitava
a necessidade de sol e
umidade

Plantas exóticas:
espécies tropicais de
outros continentes,
gerando sombreamento
necessário ao clima local

Objetivo: educação do visitante, possibilitando conhecer diferentes grupos vegetais, implantados segundo um conjunto

Tanques de água: componentes de força do projeto, não apenas repetiam o entorno ou viabilizavam os jatos de água, mas permitiam o cultivo de inúmeras espécies



Plantas nativas, estudos para as plantas da Amazônia e plantas exóticas: desenhos a bico de pena, preocupação em deixar claro o projeto para os jardineiros

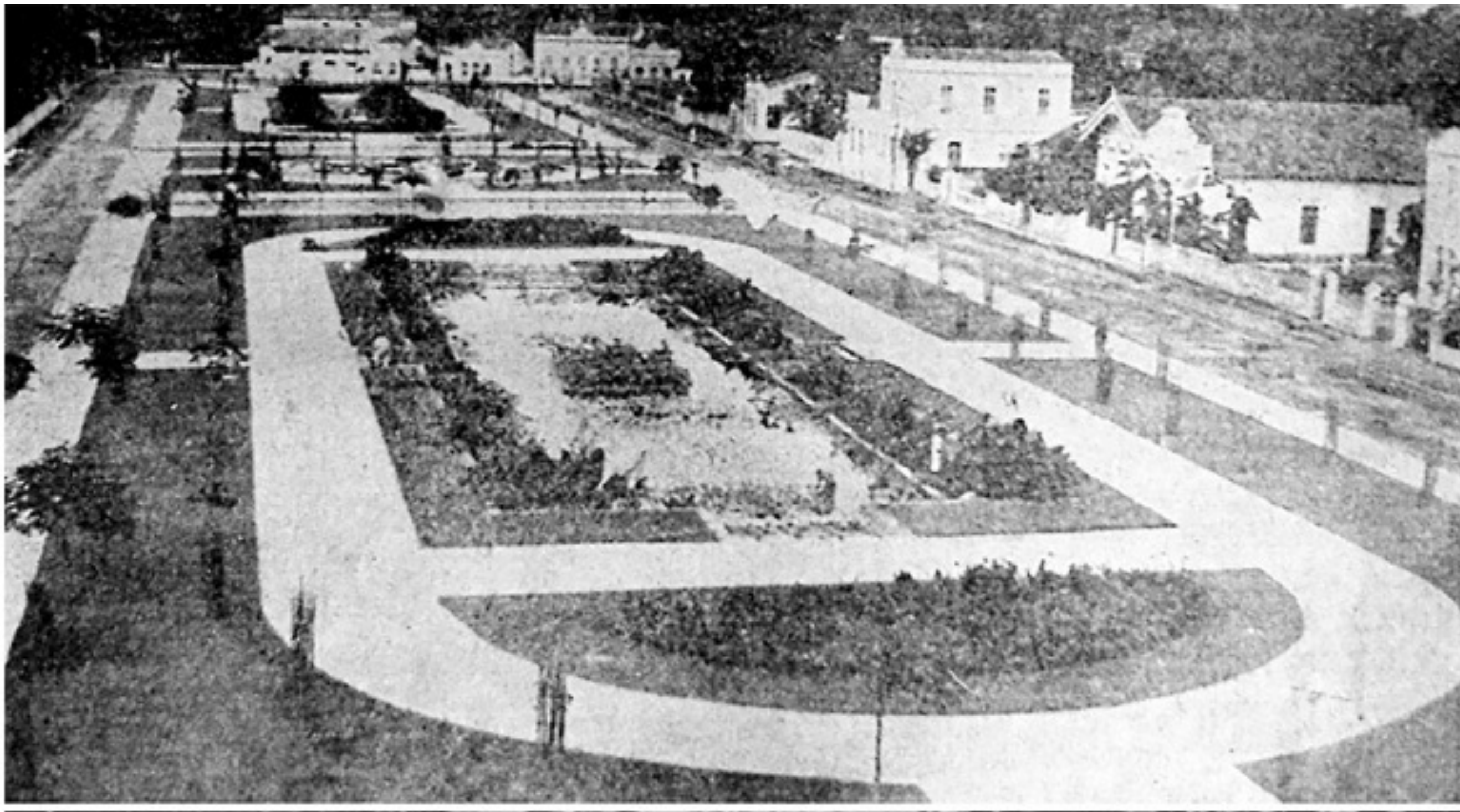
Pelo levantamento realizado em fontes diversas, Joelmir Silva listou 57 espécies utilizadas, muitas provenientes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Diversidade arbórea, palmeiras, herbáceas aquáticas e terrestres



Muitas foram utilizadas pela primeira vez como a vitória-régia, pau-mulato, pau-ferro, ninféias ou aninga.

Para B. Marx, o mais importante foi trabalhar com espécies da região, evocando a paisagem de Recife e Olinda. Embora vinculado ao seu tempo, valorizava a história do lugar.





Vista geral a partir das plantas exóticas, 1936. Fonte: SILVA, 2019



Levantamento e indicação das substituições e/ou modificações do local de plantio das espécies com relação ao projeto original, feitas pelo próprio B. Marx. Posteriormente, muito do plantio foi alterado
(estudo de jardim histórico)

Destaque para o plantio em fileiras duplas, pórticos

Fonte: SILVA, 2019

Além de paisagista, desempenhou como botânico:

- controle da associação dos indivíduos
- para as floreiras aquáticas, resolveu tecnicamente sua execução, o substrato necessário
- transplante de árvores adultas

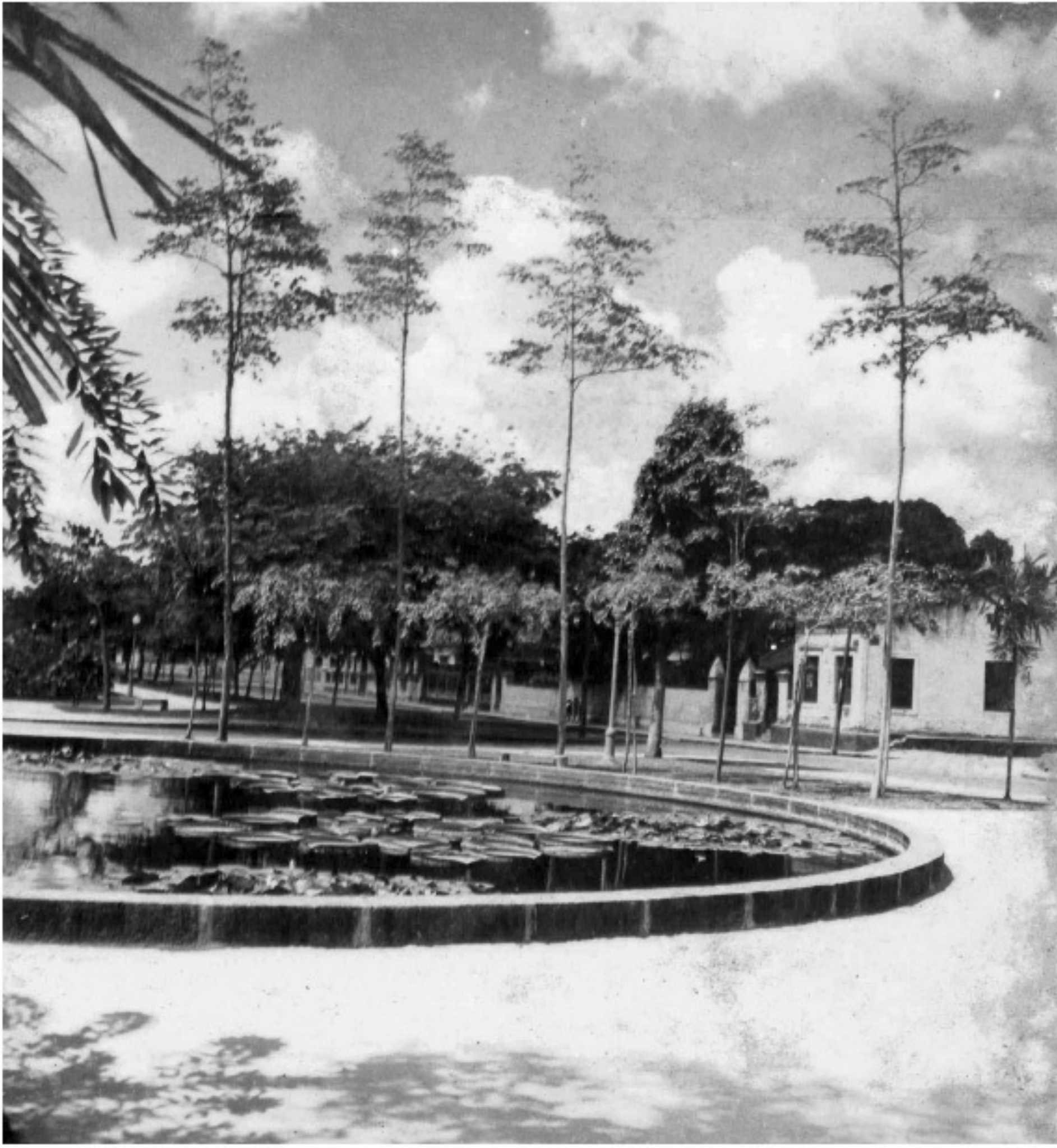


Os canteiros nas bordas dos tanques quebram a linearidade, além de permitir o plantio de espécies aquáticas, com maior diversidade florística



Segundo B. Marx, a beleza estava em trabalhar agrupamentos de diferentes espécies de forma harmônica, e também nos agrupamentos homogêneos, de mesma espécie - maciços vegetais





Burle Marx indicou escultura de índia a se banhar entre vitória-régia que teria relação com a lenda da guerreira Naiá. Além de se integrar ao tema do jardim, também trazia a valorização do saber popular, da cultura local.

Tanque das plantas da Amazônia, década de 1940.
Fonte: SILVA, 2019



Fotos: Ana Cecília Campos, 2008.



Espelho d'água das espécies exóticas, década de 1930, Fundação Joaquim Nabuco. In: SILVA, 2019



Espaços centrípetos: a luz incide diretamente no centro de cada tanque, como iluminação zenital. Direciona a atenção do observador da periferia para o centro pelo controle de luz e sombra decorrente da associação das plantas do entorno (tipos e portes) - questão artística (segundo Leenhardt, citado por SILVA, 2019)

Além disso, a iluminação garante as condições ambientais das herbáceas

Domínio técnico e compositivo



Praça Euclides da Cunha ou Cactário da Madalena, Recife, 1935

- restauro de projeto de Burle Marx em 2004, com apoio da UFPE
- idealizado como jardim ecológico que reunisse plantas da caatinga nordestina
- notabilizou-se pela existência de cactáceas e espécies arbóreas do semiárido



Projeto de restauro (patrimônio cultural brasileiro) implicou em mudança da legislação de uso e ocupação do solo, impedindo novos prédios altos ao redor que gerassem sombras



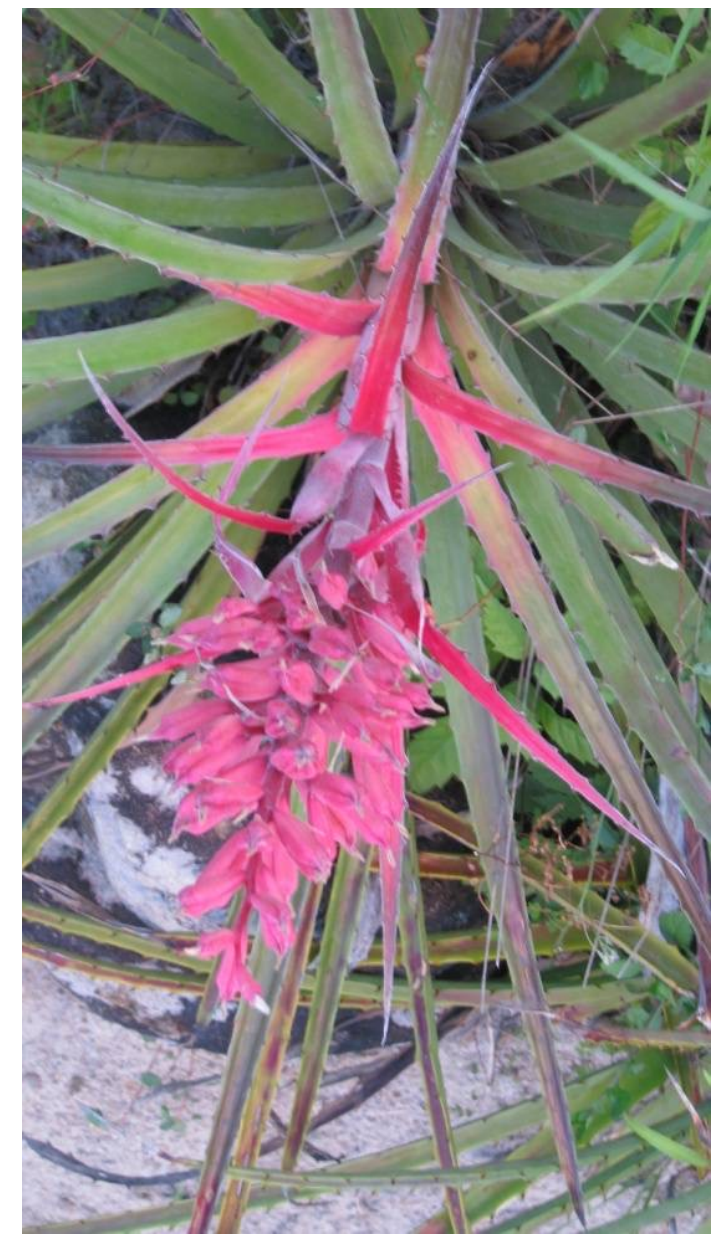


Proposta assimilava "os condicionantes da paisagem regional, o emprego da flora autóctone, o respeito pelos condicionantes ambientais, incorporando-os aos componentes da cultura local".

Inspiração seriam os estudos de Euclides da Cunha sobre os sertões do Nordeste, para trazer à vida urbana um retrato idealizado da paisagem e do clima da caatinga.

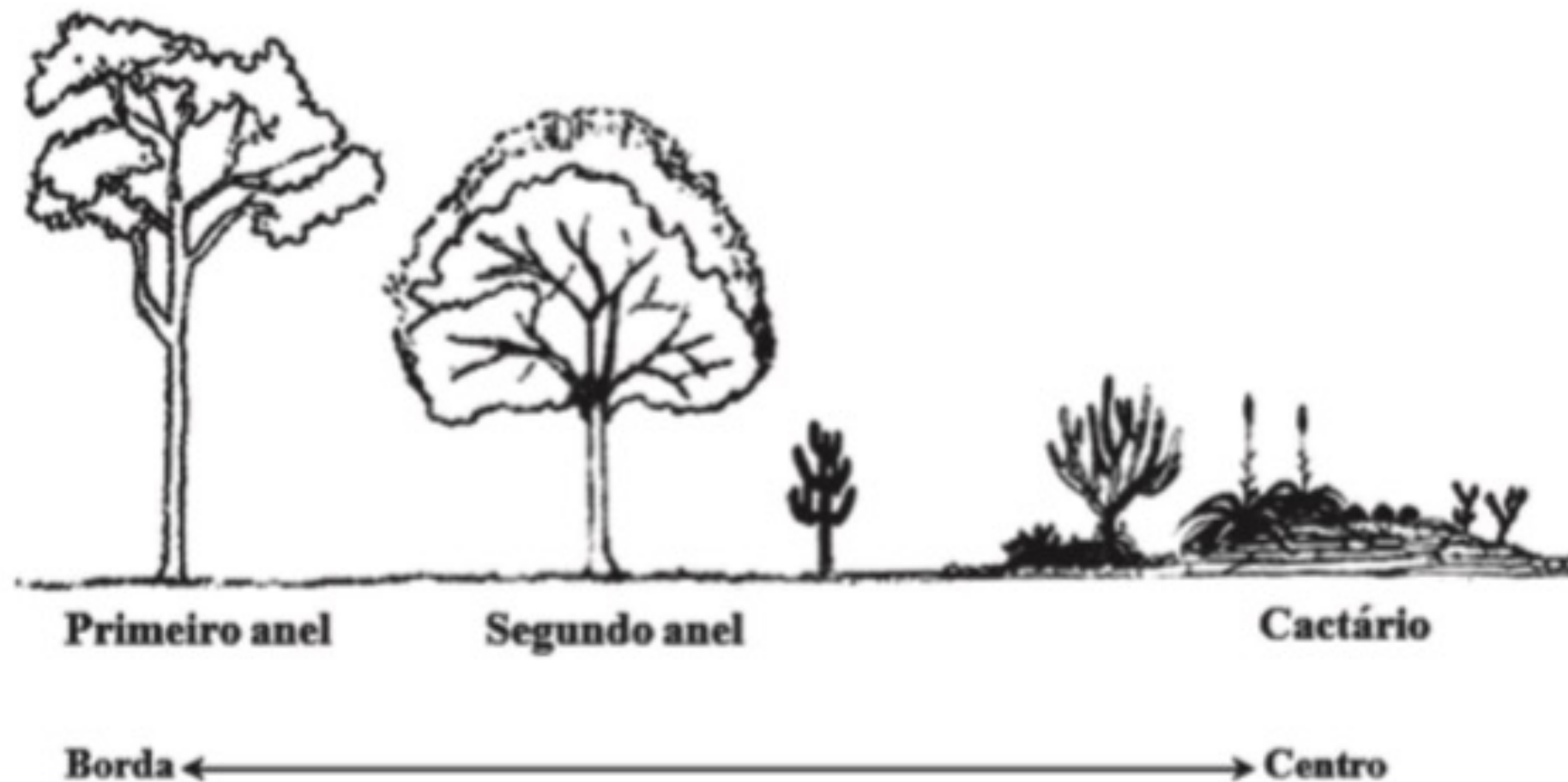
Burle Marx realizou expedição para conhecer a vegetação

Fonte: Prefeitura Municipal de Recife e SILVA, 2019





Desenhos de Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha, 1935. Fonte: Sá Carneiro, 2007



Associação de volumes e texturas, gerando ordem e ritmo - formação de duas alamedas de árvores autóctones e na parte central o cactário. Segundo Janete Costa, não se pretendia recriar a caatinga, mas construir uma paisagem como obra de arte, reorganizando elementos da natureza.

Fonte: Sá Carneiro, 2007



Fotos: Ana Cecília Campos, 2008.





Desenhos de Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha, 1935 e após restauro. Fonte: Sá Carneiro, 2007



Fotos: Ana Cecília Campos, 2008.

Referências:

Sá Carneiro, A. R., Palmeira, H., & Costa, E. (2007). O inventário dos jardins de Burle Marx no Recife. *Paisagem E Ambiente*, (24), 171-178.

<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i24p171-178>

Paula, E., Silva, J., Menezes, P., Carneiro, A. R., & Melo, V. L. (2011). A Paisagem da Caatinga: um Gesto de Burle Marx na Praça Euclides da Cunha. *Paisagem E Ambiente*, (29), 11-24. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i29p11-24>

Silva, J. M. et al. A Praça de Casa Forte: um jardim histórico, um patrimônio cultural do Brasil. São Paulo, v. 27, e05, 2019. Disponível em:
<script=sci_arttext&pid=S0101-47142019000100303&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Maio 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e05>.